

Guarda-rios? O que é isso, avô?

– Guarda-rios, avô? Guarda-rios? Tens mesmo a certeza que isso era uma profissão? – perguntava o Dinis insistentemente ao avô, que o olhava com os olhos verdes bem arregalados, coçando a barba toda cinzenta.

– Sim, filho e eu conheci alguns... eram bastante meus amigos, coitados... mas já lá vão. – comentou com um olhar um pouco mais distante.

– Oh, avô mas como é possível guardar uma coisa que não pára quieta um só momento, que desata a correr pela montanha abaixo em direcção ao mar e ora sobe, ora desce e não se deixa apanhar de modo nenhum? – perguntou o rapaz, um pouco impaciente.

– Olha, o guarda-rios não tomava propriamente conta do rio como eu e a tua avó tomamos conta de ti. O guarda-rios vigiava os rios e ribeiros, verificava se os habitantes da zona limpavam as margens, e se encontrasse algo que não estivesse bem, cobrava uma multa que podia ir até dois contos de reis!

– Contos de reis? Mas o que era isso? Histórias sobre reis e rainhas?

– Não, era a nossa moeda antiga... antes do euro.

– Ah! Já sei! O escudo. A minha professora de História falou nisso aqui há dias. Mas avô, este trabalho não era nada fácil. Já viste o que é andar de um lado para o outro, para cima e para baixo, eu cá não acharia piada nenhuma.

– Sim, os tempos são outros... os miúdos de agora só gostam de computadores e de estar fechados em casa e a natureza fica esquecida... ninguém se preocupa com ela... por isso, as coisas estão como estão!

– Oh, avô não é bem assim. Pensa lá, que piada é que teria passar os meus dias a subir e a descer o rio Arunca, sem ninguém com quem falar, sem a minha Play-Station, sem a minha bola...

– Olha, aprenderias a brincar com as pedrinhas de diferentes cores, ficarias admirado com os passos lentos dos lagostins, aprenderias a reconhecer as diferentes plantas que crescem nas margens dos rios e a distinguir os peixes nas águas transparentes...

O Dinis ficou a olhar para o avô que parecia estar a ler nas nuvens distantes todas aquelas histórias sobre um rio que não parecia real, que ele não se lembrava de alguma vez ter visto na sua aldeia. Mas continuava intrigado. Quando a professora de Português pedira para fazerem um trabalho sobre profissões já desaparecidas, lembrou-

se logo de perguntar ao avô, que tinha, de certeza, mais de 80 anos, sobre este assunto. Nunca imaginara que o avô lhe iria falar num tal de guarda-rios.

Guarda-chuva, guarda-costas, guarda-jóias, guarda-lamas ou até guarda-redes já tinha ouvido falar muitas vezes mas guarda-rios... continuava a achar uma profissão estranha e impossível de realizar, pois só lhe vinha à cabeça a imagem de um homem a correr rio acima, rio abaixo, tentando encontrar não sei o quê. Mas alguma coisa nas palavras do avô tinha prendido a atenção do Dinis, a imagem da água transparente, o som da água que deslizava nas pedrinhas de diferentes formatos e cores, os pequenos cardumes de peixes brincalhões ... tudo aquilo começou a movimentar-se na sua cabeça e a deixá-lo mais desassossegado do que ele já era. De repente, começou a correr pelo quintal fora e só parou nas margens do Arunca que seguia o seu caminho, como sempre, lento, silencioso e muito escuro.

O Dinis nunca tinha reparado no rio como naquele momento, as águas não eram transparentes como o avô referira, mas sim sombrias, lamacentas, sujas. Peixes não conseguiu ver nenhuns, apenas aqui e ali um círculo surgia à tona da água, seria um peixe a tenta apanhar ar? Tolice! E os lagostins? Nem sinal deles. O Dinis bem tentou, desceu mais perto da margem, afastou a vegetação densa e procurou, remexendo a água e as pedras mas nada, nada... Ali sentado, ficou a pensar mais uma vez nas palavras cansadas do avô: “Uma profissão que já não exista hoje em dia, meu filho, deixa-me cá pensar... várias, várias desapareceram já... mas uma que faz muita falta é a de guarda-rios!” O Dinis percebia agora o brilho dos olhos do avô, a lembrança do guarda-rios lembrava-lhe a sua infância, as brincadeiras simples, os brinquedos feitos pela mãe com farrapos velhos, as corridas ao ar livre e as águas límpidas do rio que, na altura, parecia saltitar de alegria, tropeçando aqui e ali nas pedrinhas brilhantes e escorregadias.

Agora já compreendia o avô quando ele falara na importância do guarda-rios, porque, na sua presença, ninguém ousava lançar lixo ao rio ou destruir o seu curso, nessa altura as multas eram pesadas e as pessoas hesitavam e pensavam duas vezes antes de poluírem as águas frescas do Arunca.

Dinis levantou-se, dirigiu-se para casa e sentou-se na sua cadeira em frente à secretária de pinho que a madrinha lhe oferecera. Pensou um pouco e, finalmente, pegou no caderno de Português e começou a escrever: *Quando for grande, não quero ser médico, nem arquitecto, nem astronauta, nem sequer cientista. Quando for grande, eu quero ser guarda-rios!*

Trabalho colectivo, 9.ºB

Escola 3/Secundária Martinho Árias de Soure